



Silvio Henrique Barbosa é um pisciano de 47 anos que já foi casado com uma mulher, a quem amou muito, e ainda ama, e teve uma filha, hoje prestes a completar 18 anos. Não foi tão dramático se assumir para a mulher e dizer o motivo pelo qual estava se separando dela, pelo menos não tão difícil quanto dizer para sua filha adolescente que ele tinha um namorado - e que era muito feliz assim.

Com essa felicidade nos olhos ao relembrar de seu casamento e ao falar da filha, ele conversou com a reportagem da H Magazine na sede do grupo Homopater, em São Paulo - grupo que o ajudou a se entender melhor como pai e gay, o auxiliou a se aceitar melhor como homossexual e o mostrou que não há nada de errado em dizer para quem se ama que, agora, o papai tem é um namorado, não uma namorada.

Hoje em dia Silvio se sente muito de bem com a vida, é professor universitário, advogado e jornalista e está em busca de uma coisa que muita gente também quer: um companheiro. Conheça esse pai dedicado e sensível.

Eu me casei em 1992. Eu não achava que era hetero, tinha uma séria dúvida. Sempre fui um cara muito tímido, muito reservado, e na época em que eu era moleque a gente não tinha toda essa informação de hoje sobre sexualidade. Eu não me via como um gay, eu não achava que eu pudesse ser gay, mas aos 17 anos eu e meu melhor amigo, a gente era unha e carne, estávamos sempre juntos, nós nos beijamos. Ai a gente se curtiu por um tempo, mas nunca transamos, não fizemos sexo. Mas aquilo despertou em mim, eu falei "cara, é isso". Eu já tinha tido muitas namoradinhas, desde os 14 anos. Eu sempre tive namoradinhas, mas por esse cara eu sentia uma coisa super forte, eu achava que fosse a história do melhor amigo. E não era, era paixão mesmo.

Na faculdade eu conheci um colega de sala que tinha o dobro da minha idade, ele tinha 36. Foi meu primeiro relacionamento gay, a primeira transa. Durou seis meses, acabou com a traição dele. Ai eu falei: pô, relação homossexual é isso, é curta, meio que condenada ao fracasso pela traição. Me convenci que eu não queria ser gay. A partir de então eu só tive namoradas, mas sempre com aquela sensação de que a companhia era gostosa, tudo bem, mas faltava algo. Por fim eu conheci a mulher com quem eu casei, nosa, foi assim, atração à primeira vista. Eu olhei e falei "nossa, que mulher incrível". Decorei até as meias que ela estava usando no dia em que eu a vi pela primeira vez. Acho que é assim, a paixão do gay pela diva. Pela mulher deslumbrante. Me apaixonei e começamos a namorar, foi ótimo.

Eu pensei que era a minha cura, que ela iria me curar desse percalço de vida. Porque eu achava que não era gay. Achava que era um problema temporário que a paixão por uma mulher certamente curaria. Quatro anos de casamento e resolvemos engravidar. Engravidamos, a gente queria, veio no momento certo. Nossa filha veio e nós dois tomando conta do bebê. Tudo isso vai nos desviando de um outro foco, que é a carência sexual. Eu sentia atração por outros homens. Esse desejo que eu escondia de mim mesmo é que foi o responsável por eu não ter formado uma rede de amigos. Eu não tinha amigos, os meus amigos eram os pais dos amiguinhos da Ângela na escola. Eu não tinha o amigo brother com quem sair e coisas assim, eu meio que bloqueei esse contato com amizades masculinas inconscientemente, claro, não que eu falasse "não vou me aproximar daquele cara porque ele é muito gostoso e eu vou querer transar com ele", não. Simplesmente eu não via a menor possibilidade de abrir essa nova amizade com homens.

Quando eu me separei finalmente, na crise dos 40, foi o detonador para mim. Depressão, não sabia o que estava acontecendo, nada estava bom, o trabalho estava um lixo. Fui fazer terapia. Bati o olho nele e confiei: seguinte, sou homossexual, mas estou casado, não vejo a menor possibilidade de me separar porque eu amo a minha família. Portanto, eu estou em uma encruzilhada, não tenho como sair daqui. A terapia foi me fortalecendo, o terapeuta me contou a história de um cliente dele de 68 anos, avô. Na crise dos 40 foi necessário que eu me assumisse para poder superar uma tendência à depressão que

"Eu achava que não era gay. Achava que era um problema temporário que a paixão por uma mulher certamente curaria."



estava se tornando cada vez mais permanente, uma tristeza profunda, uma sensação de que eu estava preso. Conversei com ela, foi, claro, difícil, ninguém espera que um casamento de 15 anos termine assim. Normalmente os casamentos terminam porque o homem conhece uma mulher mais jovem. No meu caso eu saí de um casamento perfeito, ideal, de companheirismo, de amizade, de bem querer, para nada. Eu não tinha a quem recorrer emocionalmente.

Fiquei absolutamente sozinho porque tinha me afastado de todo mundo, como eu ia explicar o porquê estava separando? Não tinha como. Os amigos ficaram todos com a minha ex-companheira e eu parti para um mundo super solitário. Não esperava que fosse encontrar alguém, passei julho de 2007 sozinho, agosto, setembro, e aí finalzinho de setembro, um grande amigo meu de vida toda, que também passou pelo mesmo processo, reapareceu. Nos conhecemos por volta dos 20, 21 anos, ambos sabíamos que gostávamos de homens, mas ambos tentávamos nos enganar, um dizendo para o outro: a gente vai conhecer uma mulher que vai nos libertar disso. Ele também casou, teve filho, se separou, o mesmo processo. Só que a depressão dele foi ainda pior, porque ele acabou se envolvendo com substâncias químicas. Eu não recorri às drogas ou álcool, ou nada assim. E aí esse meu amigo me chamou para sair e fomos à Cantho, portanto, três meses depois da minha separação fui à Cantho. Nessa minha primeira saída na noite, eu conheci meu namorado com quem fiquei três anos.

Foi um namoro muito legal, com muito companheirismo, eu sinto falta disso, de um amigão do lado. Acho que companheiro tem que ser assim, tem que ter mais que fidelidade, o que eu busco é a lealdade de um amigo. Fidelidade sexual eu acho que é passível de ser deixada de lado em muitas situações, mas a lealdade não. O amigo tem que estar do lado quando a gente precisa. Foi um mega super grande amigo, é meu amigo até hoje. Depois de três anos de namoro terminamos, comecei a namorar um pai do Grupo de Apoio aos Pais Homosoféticos, do qual eu faço parte. Tive esse primeiro namorado, tive o segundo namorado, também do grupo, ótimo, um grande amigo até hoje, e por fim o terceiro namorado, com quem eu terminei há três meses. Ficamos juntos um ano e 11 meses. Então da minha separação da minha ex-mulher para cá eu tive realmente pouco tempo de solteirice, estive casado quase todo o tempo. Eu sou de casar, estou acostumado com essa ideia. São 15 anos dividindo a mesma cama com a mesma pessoa, acho que o corpo pede isso, essa sensação de estabilidade, de companhia permanente.



Quando eu contei e ela disse que estava tudo bem saiu um peso do meu ombro, você não imagina o que era aquilo que eu carregava, era muito peso

Eu contei para a minha filha depois que entrei no grupo. Eu entrei no Homopater para ganhar experiência de como revelar aos filhos. É uma coisa que a gente trabalha muito aqui, em que momento contar aos filhos que você é gay? Que você tem um companheiro? Eu já tinha decidido que antes da minha filha completar 15 anos eu contaria, porque quanto mais cedo você contar é melhor, é a teoria dos psicólogos. A criança assimila mais fácil a informação do que, no auge da crise de ser adolescente, ainda receber uma informação extra para tentar entender. O adolescente já está enfrentando os problemas como aversão ao pai, à mãe, à escola, à sexualidade que é complicada, o que vai fazer no vestibular... É muito problema para o adolescente, e você ainda dizer que é gay é um problema a mais. A experiência mostra que o quanto antes você preparar o seu filho para essa informação, melhor.

Aí meu ex-namorado estava vindo para o meu apartamento no fim de semana com o filho dele, e eu estava com a minha filha no carro e contei para ela que eles estavam vindo passar o fim de semana no meu apartamento, ele era de fora. Ai ela perguntou por que eles estavam vindo tanto para o meu apartamento. Eu fiquei quieto, silêncio, silêncio, silêncio. Disfarcei e iniciei um novo assunto e ela: você não vai me contar? Ai eu entendi, porque a Vera Moris, a te-

rapeuta que fundou o Homopater, ela nos diz: quando a pergunta é feita pela criança é porque ela já está preparada para ter uma resposta, só precisa tomar cuidado com as palavras. A resposta ela já quer ouvir, então escolha bem as palavras, mas se ela perguntou é porque ela quer saber. Ai eu respondi para a minha filha que estava pronto para contar, mas será que você está preparada para entender? Ela respondeu bem calma: dormi super bem essa noite. Falei ok, ele é meu namorado, estamos juntos há quatro meses e é isso, temos um relacionamento. Silêncio, silêncio, silêncio. Passou uns 20 anos em segundos, eu dirigindo e não podia olhar para o lado. E aquele silêncio me matando. Ai ela vira e comenta: ah, tudo bem, o importante é que você seja feliz. Ai eu falei: o quê, só isso? Ela me perguntou o que eu esperava, que ela se jogasse do carro? Eu brinquei que era o mínimo! Começamos a dar risada.

« Fomos almoçar e eu perguntei a ela: você já desconfiava que eu sou gay? Ela disse que já, porque

Os evangélicos acreditam na cura, que Cristo pode curar, então o cara vai casar, vai ter filhos. E pode até morrer dessa forma”.



desde que eu tinha separado da mãe dela eu nunca tinha aparecido com nenhuma mulher, e todos os pais das amigas dela que estavam separados tinham namoradas mais novas. Então é regra, o heterossexual se separa e arruma imediatamente uma mulher mais nova, e o gay não faz isso, não vai arrumar uma mulher, a não ser que precise realmente se manter dentro do armário. E foi isso mesmo que aconteceu, ela percebeu. Você vê como as crianças nos enganam? Quando eu contei e ela disse que estava tudo bem salu um peso do meu ombro, você não imagina o que era aquilo que eu carregava, era muito peso, me senti super leve quando contei. Era uma ameaça que pairava sobre a minha cabeça essa sensação de qual seria a reação dela quando eu contasse. Será que provocaria uma crise juvenil? Uma depressão na minha filha? E não deu nada disso.

Há um peso muito grande entre nós, pais gays, que é essa sensação de que estamos fazendo algo muito errado, isso permanece e a gente vai trabalhando ano após ano, a coisa vai melhorando. Mas há um peso muito grande ainda de consciência. De pensar: puxa, enganamos a mulher? Não, a gente não tinha certeza de que era gay, não enganamos. Eu e minha ex temos uma filha que é ótima. Eu já tinha falado para ela antes de casar que já tinha rolando umas relações com um cara. A relação hoje é boa. Ela é uma pessoa super madura, me apoiou, me deu força naquele momento super difícil de separação, ela foi tão forte e me deu a segurança necessária para eu seguir em frente. Porque eu emocionalmente estava muito desestruturado, não tinha a quem recorrer, não tinha amigo para conversar. Ela me deu um suporte, eu não teria estrutura para resistir a um divórcio litigioso, por exemplo. O nosso foi consensual, graças a deus, tudo pacífico, mas imagina como foi difícil para ela. Tá vendo como o sentimento de culpa vem a todo momento?

Os evangélicos acreditam na cura, que Cristo pode curar, então o cara vai casar, vai ter filhos. E pode até morrer dessa forma. Não penso em ter mais filhos. Talvez adotar sim, não vejo esse impedimento. Por vontade própria, sozinho, eu não tenho vontade porque sei o trabalho que dá. Criança não é brincadeira, é um trabalho do cão, é uma dedicação 24 horas, não é como emprego em que você tem determinadas horas do dia ou uma faculdade, que são algumas horas e depois você estuda em casa. Filho é 24 horas, é uma outra pessoa com um gênio diferente do seu convivendo com você. Mas que é um prazer imenso, porque você se apaixona violentamente. Não estou fechado a um relacionamento futuro como pai de outra criança.